



RELATÓRIO FINAL DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Descritor de Arqueologia – EIA- Estudo de Impacte Ambiental.

Quinta dos Poços, Lagoa

ERA Arqueologia, S.A. (2020)
Cliente: Carvoeiro Golfe S.A.

T + 351 214 209 750
F + 351 214 209 755

geral@era-arqueologia.pt
www.era-arqueologia.pt

Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada-Dafundo
Portugal

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	3
1.1 PROJECTO CONSTRUTIVO PROPOSTO	4
1.2 OBJECTIVOS	5
2. METODOLOGIA	7
2.1 PESQUISA PRÉVIA	7
2.2 PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA	7
2.3 METODOLOGIA DE CAMPO	7
3. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO	18
3.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	18
3.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO	19
4. TRABALHOS REALIZADOS	24
4.1 LEVANTAMENTO PATRIMONIAL	24
5. AVALIAÇÃO DE IMPACTE E PROPOSTA DE MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
7.1 BIBLIOGRAFIA GERAL	54
7.2 CARTOGRAFIA	54
7.3 PÁGINAS DE INTERNET	54
8. FICHA TÉCNICA	55
ANEXO 1 – FICHAS DE REGISTO	56
ANEXO 2 – REGISTO FOTOGRÁFICO	57

1. INTRODUÇÃO

O presente documento refere-se aos trabalhos de prospeção realizados na Quinta dos Poços em Lagoa, tendo como finalidade a caracterização rigorosa do património cultural histórico, arqueológico e etnográfico, na área do futuro empreendimento da subunidade operativa de planeamento e gestão SP9b. Estes trabalhos foram realizados com a finalidade da preparação do EIA, com identificação de ocorrências (12), definição de áreas de sensibilidade diferenciada e de medidas de salvaguarda e, eventualmente, valorização.

As obras a realizar implicam a afetação de áreas com potencial arqueológico. Por essa razão, foram realizados trabalhos prévios neste âmbito no ano de 2010, sendo necessária atualização de informação referente ao Património arqueológico numa área particular, assinalada pelo promotor do projeto como área de construção do loteamento urbano. Nesse sentido, pretendia-se um plano de trabalhos que constituía uma abordagem arqueológica integrada que contemplava, nomeadamente:

1. Prospeção arqueológica sistemática da área a afetar pelo futuro projeto (15 ha), com localização e realocação de elementos patrimoniais;
2. Elaboração de Relatório final dos trabalhos arqueológicos de acordo com o disposto no Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos (artigos 14º, 15º e 16º do Dec.-Lei 164/2014).

As obras a realizar localizam-se no Concelho de Lagoa, Distrito de Faro, concretamente nos artsº nº 44 V (26.160,00 m2) e nº 43 V (51.780,00 m2), Sitio dos Poços - artº nº 42 V (106.340,00 m2), Vale de Ferragudo – artº nº 41 V (39.890,00 m2), Poço dos Pardais – artº nº 23 Z (147.700,00 m2) e Qta de S.Pedro – artº 24 Z (184.600,00 m2), todos da União de Freguesias Estombar/Parchal. Na sequência da aprovação da revisão do PU da UP1(Aviso 14160/2013 de 19 de Novembro), foram criadas as condições necessárias para ser desenvolvida a subunidade operativa de planeamento e gestão SP9b que é constituída por espaço residencial urbanizável que a requerente passou a detentora plena por aquisição da propriedade a poente (artº44 V). As condicionantes impostas pelo PU da UP1, de onde se realça que a subunidade 9.b integra um espaço residencial, espaço verde de recreio e produção, espaço verde de enquadramento e proteção e uma parte remanescente classificada como solo rural. A parte da SP 9.b integrada em solo rural destina-se à implantação de parte de um campo de golfe com 18 buracos, e das necessárias edificações de apoio à sua manutenção e à prática do jogo, cujo projeto decorre seus trâmites no âmbito do seguimento da Avaliação Ambiental Estratégica, na sequência da qual foi emitido o TUA (Titulo de Utilização Ambiental) nº 20171121000244.

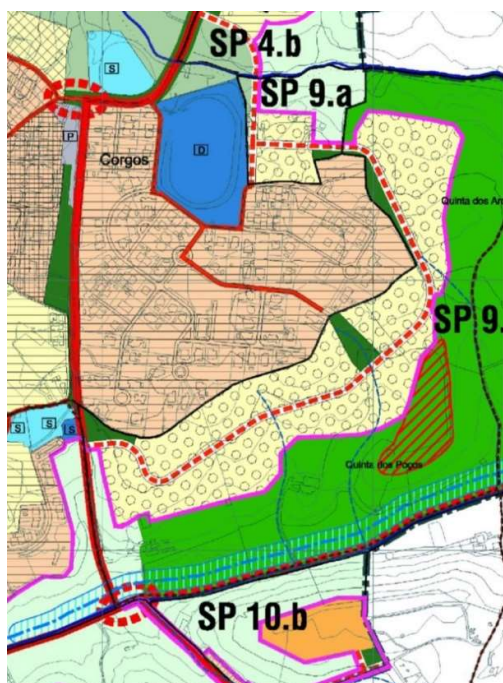


Figura 1- Planta e localização da subunidade operativa de planeamento e gestão SP9b.

1.1 PROJECTO CONSTRUTIVO PROPOSTO

Propõe-se total de 91 lotes dos quais 6 são organizados em agrupamentos de células cujas tipologias serão variáveis, bem como os polígonos base, que respeitarão sempre o afastamento mínimo de 5m aos limites do lote, independentemente da organização espacial apresentada nas peças desenhadas que funcionam como exercício temático de imagem e, os restantes 85 destinados a moradias unifamiliares e geminadas que poderão ser desenvolvidas e transformadas em unifamiliares na junção dos lotes confinantes na gemação. A área total dos lotes é de 123.820,00m², nos quais se desenvolvem 303 fogos, na variação de 1 e 2 pisos, com a área máxima de implantação de 27.146,00m², 39.671,00m² de área máxima de construção e 86.646,00m² de área de impermeabilização (fig. 1).



Figura 2-Maquete projeto de loteamento.

As cotas de soleira, variáveis face às tipologias de moradias, são definidas na conjugação da interseção intermédia a partir do nível do arruamento, entrada no espaço privado, até ao limite do respetivo lote, com uma variação de 0.50m de tolerância. A construção em cave poderá ser viável desde que totalmente enterrada, sem condições de habitabilidade e com funções de parque, espaços técnicos e espaços para arrumos.

As redes de abastecimento de água, depuração de esgotos domésticos, eletricidade, iluminação pública e telefones serão projetados tendo em conta a funcionalidade, garantindo as necessidades da operação de loteamento, que irão ser ligadas às redes públicas existentes da maximização do sistema gravítico, conforme planta esquemática de infraestruturas a pormenorizar aquando da elaboração dos projetos das especialidades. Propõem-se ilhas ecológicas no arruamento existente dos Corgos para resíduos sólidos, colocado em zona própria, minimizando qualquer efeito menos agradável aos utentes e em simultâneo facilitando a tarefa da recolha dos mesmos. A proposta desenvolve-se por forma a adaptar as opções urbanísticas, tanto quanto possível, ao relevo natural do terreno com o mínimo de movimentação de terras, adequando à topografia natural conforme se observa na simulação tridimensional (maquete) efetuada e demais peças desenhadas.

1.2 OBJECTIVOS

A realização destes trabalhos arqueológicos teve como objetivos:

- A deteção e catalogação de eventuais vestígios arqueológicos que poderão ser afetados pelos futuros trabalhos previstos no plano de urbanização, bem como a sua caracterização em termos valor científico e patrimonial e proposta de eventuais medidas de minimização a aplicar em fases subsequentes com vista à salvaguarda patrimonial;

-Através da definição de uma estratégia geral de intervenção, garantir a execução de todos os trabalhos previstos no plano, compatibilizando a sua evolução com a salvaguarda do património arqueológico.

Estes trabalhos foram adjudicados à Era-Arqueologia S.A. pela Carvoeiro Golf S.A. e decorreram entre os dias 24 e 27 de Agosto de 2020.

Os trabalhos respeitaram os termos da legislação em vigor (Decreto-Lei nº 164/2014 de 4 de Novembro – Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos; Despacho IGESPAR 12 de Agosto de 2010 – Documentação fotográfica a constar nos relatórios arqueológicos)

Os trabalhos respeitaram igualmente os termos da legislação em vigor (Dec-Lei 164/2014 de 4 de Novembro – Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos; Dec-Lei 287/2000, Dec-Lei 69/2000 de 3 de Maio; Dec-Lei 186/90 de 6 de Junho; Dec. Regulamentar 38/90 de 27 de Novembro com as alterações introduzidas pelo Dec-Lei 278/97 de 8 de Outubro e Dec. Regulamentar 42/97 de 10 de Outubro); circular IGESPAR 10 de Setembro de 2004 «Termos de referência para o descritor Património Arqueológico em estudos de impacte ambiental».

Considerando os resultados decorrentes da intervenção, a divulgação dos resultados arqueológicos prevista circunscreve-se à sua inclusão no Endovélico, sistema de informação e gestão arqueológica, disponibilizado no Portal do Arqueólogo, (conforme nº4 do artº17 do RTA).

2. METODOLOGIA

2.1 PESQUISA PRÉVIA

Caracterização da Situação de Referência:

- a) Definição das áreas de incidência direta e indireta do projeto;
- b) Realização de pesquisa bibliográfica e documental;
- c) Consulta das bases de dados de entidades oficiais;
- d) Recolha de informação oral de carácter específico ou indiciário;
- e) Análise toponímica e fisiográfica da cartografia;

2.2 PROSPEÇÃO ARQUEOLÓGICA

Sistematizaram-se os elementos bibliográficos, documentais e cartográficos que se traduziram na consulta de bibliografia específica, Plano Diretor Municipal, Endovélico (base de dados de sítios arqueológicos da DGPC) e Inventário de Património Classificado. Organização de elementos em preparação das prospeções, nomeadamente através da criação de fichas individualizadas para cada sítio de interesse arqueológico.

Realizaram-se trabalhos de prospeção sistemática com vista à identificação, descrição, localização, classificação e inventariação relativa aos elementos de interesse arqueológico, histórico e etnográfico construído na área afetada e verificação da localização de sítios identificados durante o levantamento bibliográfico e documental.

2.3 METODOLOGIA DE CAMPO

Os métodos de prospeção variaram consoante a topografia do terreno e a densidade de vegetação:

As áreas do terreno com lavras recentes e os solos com vegetação rasteira foram prospectados de forma sistemática, nas zonas de incidência do projecto progredindo a equipa de forma ziguezagueante e paralela. A distância entre os diferentes elementos da equipa variou de forma a obter uma cobertura intensa dos espaços a percorrer.

A área intervencionada foi integrada num sistema de coordenadas nacionais (Datum 73) / (PT-TM06/ETRS89). Estes valores foram transferidos para o terreno por um aparelho STONEX S10N GNSS,

com processamento de dados RTK, usando dispositivos UMTS e captação avançada de todos os satélites GNSS, com uma precisão Horizontal de 8 mm + 0.8 ppm (rms) e Vertical 15 mm + 1 ppm (rms).

Os sítios de interesse arqueológico identificados no decorrer dos trabalhos de prospeção sistemática de superfície foram georreferenciados, dentro das margens de erro permitidas, e localizados em suporte de papel e digital.

Todos os sítios identificados registados nas fichas de campo foram numerados sequencialmente.

O registo dos elementos patrimoniais foi efetuado através do preenchimento de uma ficha de sítio com os seguintes elementos:

Identificação

Nº de inventário – número sequencial que identifica o sítio arqueológico ou de interesse etnográfico (a sequência numérica é aleatória e contínua).

Nome – Nome atribuído ao sítio arqueológico encontrado

Topónimo – Topónimo local onde o sítio se localiza

Localização

Localização administrativa – Freguesia, Concelho e Distrito onde se localiza o sítio identificado.

Localização geográfica – Todos os sítios foram localizados cartograficamente, indicando-se sempre a Carta Militar de Portugal correspondente.

Proprietário – sempre que seja possível conhecer o proprietário, regista-se esta informação neste campo.

Descrição

Tipo de sítio (adaptada da tabela proposta pelo IGESPAR) – Abrigo, Achado Isolado, Alcaria, Alinhamento, Anfiteatro, Aqueduto, Arte Rupestre, Arranjo de Nascente, Atalaia, Azenha, Balneário, Barragem, Basílica, Calçada, Canalização, Capela, Casal Rústico, Castelo, Cais, Cemitério, Cetária, Chafurdo, Cidade, Circo, Cista, Cisterna, Complexo Industrial, Concheiro, Convento, Criptopórtico, Cromeleque, Curral, Depósito, Edifício com interesse histórico, Eira, Ermida, Escultura, Estrutura com interesse histórico, Fonte, Forja, Forno, Fortificação, Forum, Fossa, Gruta, Hipocausto, Hipódromo, Igreja, Indeterminado, Inscrição, Lagar, Laje Sepulcral, Malaposta, Mancha de Ocupação, Marco, Menir, Mesquita, Miliário, Mina, Moinho de Maré, Moinho de Vento, Monumento Megalítico Funerário, Mosaico, Muralha, Muro, Nicho, Nora, Oficina, Olaria, Palácio, Paço, Pedreira, Pelourinho, Poço, Pombal, Ponte, Povoado, Povoado Fortificado, Recinto, Represa, Salina, Santuário, Sarcófago, Sepultura, Silo, Sinagoga, Talude, Tanque, Teatro, Templo, Termas, Tesouro, Torre, Tulhas, Via, Viaduto, Moinho de Água, Monte, Laje com Covinhas, Pias, Villa, Açude e Dique, Espigueiro, Quinta, Alminha, Cruzeiro.

Cronologia (adaptado da tabela proposta pelo IGESPAR) - Paleolítico Inferior, Paleolítico Médio, Paleolítico Superior, Epipaleolítico/Mesolítico, Neolítico, Neolítico Antigo, Neolítico Médio, Neolítico Final, Calcolítico, Calcolítico Final, Bronze Pleno, Bronze Final, Idade do Ferro, 1ª Idade do Ferro, 2ª Idade do Ferro, Romano, Romano Republicano, Romano Império, Romano Alto Império, Romano Baixo Império, Idade Média, Alta Idade Média, Baixa Idade Média, Islâmico, Moderno, Contemporâneo, Pré-História Antiga, Pré-História Recente, Proto-História e Indeterminado.

Contexto Geológico – Entendemos como contexto geológico o substrato geológico onde se localiza o sítio arqueológico encontrado.

Contexto Geológico	
1	Granitos
2	Xistos
3	Calcários
4	Aluviões
5	Coluviões
6	Areias
7	Terraço
8	Depósitos argilosos
9	Rochas vulcânicas
10	Dioritos
11	Arenitos
12	Terraço fluvial/cascalheira
13	Outro

Quadro 1 – Contexto geológico

Implantação Topográfica – Seleccionámos os seguintes critérios para contextualizar topograficamente os sítios encontrados:

Implantação topográfica	
1	Arriba
2	Planície
3	Colina suave
4	Cerro – topo
5	Cerro – vertente
6	Espigão de meandro fluvial
7	Esporão
8	Escarpa

9	Plataforma / rechã
10	Planalto
11	Praia
12	Várzea
13	Leito de rio ou ribeiro

Quadro 2 – Implantação topográfica

Visibilidade (na paisagem) – Este critério corresponde ao nível de visibilidade do sítio arqueológico no território envolvente.

Visibilidade na paisagem	
1	Destaca-se bem na paisagem
2	Destaca-se medianamente na paisagem
3	Diluído na paisagem
4	Escondido

Quadro 3 – Visibilidade na paisagem

Controlo visual (sobre a paisagem) – Nível do controlo visual que o sítio arqueológico detém sobre a paisagem.

Controlo visual sobre a paisagem	
1	Controlo visual total
2	Controlo condicionado
3	Controlo restrito (do espaço limítrofe)

Quadro 4 – Controlo visual sobre a paisagem

Uso do solo – Utilização actual do solo em que se situa o sítio arqueológico (adaptado da tabela proposta pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia).

Uso do solo	
1	Agrícola
2	Agrícola regadio
3	Baldio
4	Florestal
5	Industrial
6	Pastoreio
7	Turismo
8	Urbano
9	Pedreira
10	Areeiro

11	Pântano
12	Aterro
13	Caminho

Quadro 5 – Uso do solo

Coberto vegetal – Referência à vegetação (e outras) actualmente existente no local onde se localiza o sítio arqueológico.

Coberto Vegetal e outro	
1	Sem vegetação
2	Vegetação rasteira
3	Arbustos ou matos densos
4	Floresta/mata densa
5	Floresta/mata pouco densa
6	Montado

Quadro 6 – Coberto Vegetal e outro

Dispersão de materiais (em área) – Delimitação relativa da área em que se encontram materiais arqueológicos.

Dispersão de materiais (área)	
1	Extensa
2	Média
3	Pequena
4	Pontual

Quadro 7 – Dispersão de materiais

Tipo de dispersão (de materiais) – Caracterização qualitativa do tipo de dispersão dos materiais arqueológicos.

Tipo de dispersão	
1	Contínua
2	Dispersa
3	Concentrada
4	Progressiva

Quadro 8 – Tipo de dispersão

Acessibilidade – Referência ao tipo de acesso ao sítio arqueológico.

Acessibilidade	
1	Via Rápida
2	Estrada Nacional
3	Estrada Municipal
4	Estradão
5	Caminho de pé posto
6	Sem acesso

Quadro 9 – Acessibilidade

Trabalhos arqueológicos – Sempre que conhecidos, foram registados trabalhos arqueológicos pré-existent em relação ao presente trabalho.

Trabalhos arqueológicos	
1	Conservação/Valorização
2	Escavação
3	Sondagem
4	Levantamento
5	Prospecção

Quadro 10 – Trabalhos arqueológicos

Materiais arqueológicos – Foram sumariamente descritos os materiais arqueológicos encontrados nos sítios arqueológicos localizados.

Descrição – Descrição das características principais de cada sítio.

Classificação patrimonial

Para estabelecer um Valor Patrimonial para os diversos sítios encontrados fixámos dez descritores (cada um com valores ponderados). Para a obtenção de um Valor Patrimonial atribuímos Graus de Ponderação a cada um dos descritores, de modo a que aquele represente uma média ponderada.

Descritores	Grau de Ponderação
Inserção paisagística	1
Grau de conservação	6
Monumentalidade	2
Representatividade	2
Raridade	4
Valor histórico	8
Valor etnográfico	4
Potencial científico	8

Potencial pedagógico	2
Fiabilidade da observação	4

Quadro 11 – Graus de ponderação dos descritores usados

Valores	
3	Elevado
2	Médio
1	Reduzido
0	Sem interesse
D	Indeterminado

Quadro 12 – Valores a atribuir aos descritores

Inserção paisagística – relativo ao grau de descaracterização da paisagem envolvente / grau de descontextualização do sítio/elemento

Grau de conservação – relativo ao estado de conservação e à especificidade do sítio/elemento

Monumentalidade: relativo à imponência do sítio/elemento, tendo em conta as suas especificidades

Representatividade – relativa ao tipo de contexto e numa escala regional

Raridade – relativa ao tipo de contexto e numa escala regional

Valor histórico – relativo à importância que pode assumir como documento para a história local/nacional

Valor etnográfico – relativo à importância que pode assumir como elemento representativo de técnicas e modos de vida locais ou regionais tradicionais

Potencial científico – relativo à importância que pode assumir para a investigação de determinada realidade e período

Potencial pedagógico – relativo à sua possibilidade de utilização pedagógica junto do público em geral e escolar em particular

Fiabilidade da avaliação – relativo ao grau de observação do sítio/elemento e outras condicionantes de avaliação dos descritores

Assim, estabelecemos 6 Classes de Valor Patrimonial tendo em conta os resultados obtidos.

Classes do Valor Patrimonial	
1	< 2
2	2 a 4,1
3	4,2 a 6,2
4	6,3 a 8,2
5	8,3 a 10,3
6	> 10,4

Quadro 13 – Classes de valor patrimonial

Avaliação do Impacte e Minimização

Natureza do Impacte – Referência ao tipo de impacte sobre os sítios de valor patrimonial identificados

----- Natureza do Impacte -----	
1	Acessos Rodoviários
2	Antenas
3	Aterro
4	Bases de Pilares
5	Desflorestação
6	Desmatação
7	Escavação
8	Estaleiros
9	Pedreiras
10	Poluente
11	Postes de Electricidade
12	Submersão
13	Terraplanagem
14	Valas
15	Várias
16	Viadutos
17	Visual
18	Sem impacte
19	Indeterminada

Quadro 14 – Natureza do Impacte

Incidência – Caracterização forma como o impacte incide sobre o sítio de valor patrimonial

----- Incidência -----
Directa
Indirecta
Indeterminada

Quadro 15 – Incidência

Interacção – Caracterização da relação entre os vários impactes.

----- Interacção -----
Secundárias
Sinergéticas

Cumulativas

Indeterminada

Quadro 16 – Incidência

Desfasamento no tempo – Caracterização do prazo do impacte.

Desfasamento no tempo

Imediato

Curto Prazo

Médio Prazo

Longo Prazo

Indeterminada

Quadro 17 – Incidência

Duração – Caracterização da permanência do impacte sobre o sítio de valor patrimonial

Duração

Permanente

Temporário

Indeterminada

Quadro 18 – Duração

Importância – Caracterização do efeito provocado pelo impacte.

Importância

Positiva

Negativa

Nula

Indeterminada

Quadro 19 – Duração

Reversibilidade – Caracterização da possibilidade de retornar às características originais do meio

Reversibilidade

Irreversível

Reversível

Indeterminada

Quadro 20 – Reversibilidade

Probabilidade – Caracterização do grau de previsão do impacte sobre o sítio de valor patrimonial

Probabilidade
Certa
Provável
Incerta
Indeterminada

Quadro 21 – Ocorrência

Dimensão espacial/cultural – Caracterização da extensão do impacte em termos do grau de afectação para a comunidade.

Dimensão espacial/ cultural
Pontual
Local
Regional
Nacional
Trans-fronteiriça
Indeterminada

Quadro 22 – Dimensão espacial

Magnitude do impacte – intensidade do impacte no sítio de valor patrimonial

Magnitude do Impacte
3 Elevada
2 Média
1 Reduzida

Quadro 23 – Magnitude do impacte

Área sujeita a impacte – corresponde à determinação da área sujeita a impacte face à área total do sítio/elemento patrimonial.

Área sujeita a Impacte
3 Total
2 Parcial
1 Periférico
0 Sem impacte
D Indeterminado

Quadro 24 – Área sujeita a impacte

Para a avaliação do impacto foi obtido um valor médio ponderado, tendo em conta não só o resultado obtido para o Valor Patrimonial, mas também o Valor de Impacte (obtido através de dois descritores ponderados – Área sujeita a impacte e Importância do impacte).

Descritores	Grau de Ponderação
Importância do impacte	6
Área sujeita a impacte	4

Quadro 25 – Graus de ponderação dos descritores usados

Por último, obtém-se o Valor de Impacte Patrimonial: é calculado um valor médio ponderado, tendo em conta não só o resultado obtido para o Valor Patrimonial, mas também o de Avaliação do Impacte.

Também estes resultados foram divididos em três Classes de Medidas Minimizadoras, aqui apresentadas de forma sintética. As classes apresentadas têm em conta a amostra de sítios detectados na área em estudo.

Classes de Medida de Minimização	
Classe A	Transladação
	Limpeza
	Levantamento topográfico, gráfico, fotográfico e descrição exaustiva
	Escavação em área
Classe B	Transladação
	Limpeza
	Levantamento gráfico e fotográfico exaustivo
	Sondagens manuais ou mecânicas
Classe C	Transladação
	Limpeza
	Levantamento fotográfico exaustivo
	Recolhas sistemáticas de superfície

Quadro 26 – Classes de Medidas de Minimização

3. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

3.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Do ponto de vista administrativo, o projeto de obra localiza-se na freguesia de Estombar / Parchal, Concelho de Lagoa, Distrito de Faro, e insere-se num terreno onde se pretende desenvolver o futuro campo de Golf D. Pedro. Toda a área a intervir está abrangida pela Carta Militar Portuguesa, folha 603, escala 1:25 000.



Figura 3-Localização da área do projeto na Folha 603 (Portimão) da Carta Militar de Portugal.

Em termos geológicos, esta área assenta numa série de arenitos calcários e calcários com seixos da formação carbonatada de Lagos-Portimão que, por sua vez, se sobrepõe ao serravaliano e tortoniano inferior do miocénico inferior do período triássico.

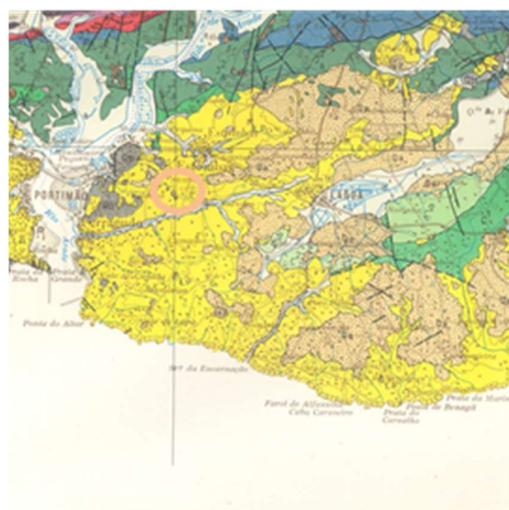


Figura 4-Localização da área do projeto na Carta Geológica de Portugal.1: 50 000, Folha nº52-B

3.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

O terreno circundante à área em estudo foi já, em 2008, objeto de um levantamento patrimonial (Antunes, 2008; Oliveira, 2009), concretamente, na área de construção de um campo de golf, na Quinta dos Poços e D. Pedro, Gramacho e em 2010 de 10 sondagens na área correspondente à Quinta dos Poços 4 e 5 e Quinta da Eira da Loba 4.

A Quinta dos Poços 4 e 5 e a Quinta da Eira da Loba 4, na área adjacente à área aqui em análise, foram identificadas através dos trabalhos de prospeção referidos (Antunes, 2008: 28; Oliveira, 2009: 22). Ambas foram objeto de sondagens de diagnóstico nas zonas de concentração dos vestígios identificados.

No sítio da Quinta dos Poços foram referenciadas duas ocorrências relativamente próximas, às quais foram atribuídas as designações Quinta dos Poços 4 e Quinta dos Poços 5, cujas características se descrevem aqui sucintamente:

Quinta dos Poços 4 - "A Sul da Quinta dos Arcos e a Sudoeste da Quinta da Eira da Loba, foi registada uma concentração de material cerâmico, muito rolado, onde apesar de tudo foi possível diferenciar cerâmica comum da de construção, bem como algumas cerâmicas vidradas" (Antunes, 2008: 20-21);

Quinta dos Poços 5 - "Identificou-se uma grande mancha de dispersão de materiais cerâmicos, nomeadamente cerâmicas comuns e de construção, que se situa na vertente de um cerro a Este da propriedade imediatamente a seguir à Quinta dos Poços" (Idem, Ibidem).

No início de 2010 esta área voltou a ser prospetada, desta feita no âmbito do "levantamento Arqueológico e Patrimonial para a Revisão do Plano de Urbanização da U.P. 1 – Ferragudo, Corgos, Bela Vista, Parchal, Mexilhoeira da Carregação, Pateiro e Calvário (Concelho de Lagoa, distrito de Faro)" (Oliveira, 2010), tendo relocalizadas as ocorrências Quinta dos Poços 4 e Quinta dos Poços 5. O relatório que resultou dessa intervenção, considera que as duas ocorrências assinaladas correspondem a um único sítio arqueológico caracterizado por uma extensa área (2 ha.) de dispersão de vestígios arqueológicos cuja tipologia de implantação e a cronologia dos materiais observados sugerem tratar-se de uma alcaria de época islâmica (Oliveira, 2010).

"O sítio localiza-se no topo de uma ampla plataforma sobre a margem direita da ribeira que desagua em Ferragudo (Figura 3 e 4). Ao longo da sua vertente Sul existe um pinheiral de plantação recente onde é possível apreciar abundante quantidade de 21 materiais cerâmicos (alguns dos quais muito rolados) que devem resultar de escorrências do topo, onde parece concentrar-se a ocupação, numa área que compreende quase 7000m². Nesta área podem observar-se alguns blocos pétreos que deverão corresponder aos derrubes de prováveis estruturas soterradas. O espólio visível à superfície é composto

por abundantes fragmentos cerâmicos, pertencentes principalmente a telhas, algumas das quais com digitações. Ocorrência ocasional de fragmentos de recipientes de cerâmica comum, um dos quais pertencente a um “potinho” com decoração pintada a vermelho, e de fragmentos de cerâmica vidrada, sendo preponderantes os exemplares com decoração a melado e manganés. Assinalou-se ainda a existência de restos de malacofauna.” (Idem, Ibidem: 25).



Figura 5- Ortofoto com localização do sítio da Quinta dos Poços (Oliveira e Filipe, 2010).

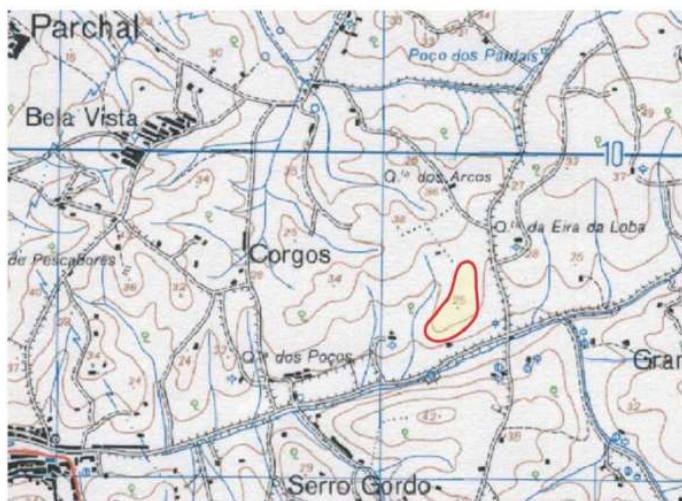


Figura 6- Localização da Quinta dos Poços em excerto da Carta Militar de Portugal, folha 603, 1:25000,

Assim, em 2010, efectuaram-se 11 sondagens arqueológicas distribuídas por toda a área do sítio da Quinta dos Poços (Oliveira e Filipe, 2010). Estas demonstraram que toda a plataforma tem vestígios de ocupação humana, numa extensão próxima a dois hectares.

A sondagem 5, localizada no extremo Norte da Plataforma e a sondagem 7, situada na sua vertente Sul, foram as duas únicas áreas onde não se registou a existência de quaisquer estruturas arqueológicas, sugerindo que a ocupação se tenha concentrado entre estes extremos. A estratigrafia

revelada nas restantes sondagens é semelhante, caracterizando-se pela existência de um depósito superficial que se prolonga até ao afloramento rochoso, onde se encontram escavadas estruturas negativas de tipologia diversa (idem, *Ibidem*).

No que diz respeito ao enquadramento crono-cultural da ocupação, os resultados das sondagens foram de certa forma, ambíguos. Os depósitos foram seriamente afetados pela exploração agrícola recente, algo comprovado pelos sulcos provocados no afloramento calcário em várias das sondagens referidas, certamente provocados por alfaias agrícolas mecanizadas. Os interfaces negativos identificados, são maioritariamente rectangulares, com secção em U (sondagens 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10). Estas estruturas foram interpretadas como sendo, possivelmente, negativos de elementos de sustentação ou de travamento de vigas de uma estrutura construída de materiais perecíveis (Oliveira e Filipe, 2010). A mesma função foi sugerida para as interfaces circulares identificadas na sondagem 10 (idem, *ibidem*). Na sondagem 11, identificou-se uma estrutura quadrangular e duas ovaladas nas sondagens 1 e 6. A sondagem 2 foi a única em que se identificaram estruturas positivas, concretamente, um alinhamento, orientado em consonância com o talude que delimita a plataforma a Sul (Oliveira e Filipe, 2010).

A escassez de espólio recuperado e a variedade crono-cultural da mesma – desde o período romano (1 fragmento de Terra Sigillata) até época contemporânea (fragmentos de faiança) – contribuiu para a dificuldade no enquadramento crono-cultural do sítio, no entanto, a maioria dos fragmentos de cerâmica recolhidos, poder-se-iam enquadrar no conjunto artefactual de época medieval ou moderna, com destaque para alguns fragmentos de cerâmica comum pintada e de cerâmica com vidrado melado e pintura a manganês, de período islâmico (Oliveira e Filipe, 2010).

O enchimento das estruturas negativas não contribuiu, igualmente, para o esclarecimento do contexto, dado que, na única unidade onde se identificou e recolheu espólio, este era composto exclusivamente de malacofauna (Oliveira e Filipe, 2010). Por outro lado, nada indicou no decorrer desta intervenção, que as estruturas negativas seriam todas da mesma cronologia, sem bem que se considerou que, apresentando 23 coerência tipológica, como era o caso, seriam provavelmente, todas do mesmo período (Idem, *ibidem*).

O relatório das intervenções acima descritas, propõe tratar-se de uma ocupação medieval, considerando que a maioria dos fragmentos cerâmicos recolhidos pareciam poder integrar-se na baixela usada à época, concretamente os materiais enquadráveis na ocupação islâmica. No entanto, a escassez de materiais mais recentes pode não significar a não continuidade de ocupação nesses períodos, mas antes, ser consequência da destruição dos contextos, consequência da exploração agrícola (Oliveira e Filipe, 2010). Por outro lado, o tipo de vestígios identificados parece sugerir uma arquitectura assente na utilização de materiais perecíveis, cenário de uma ocupação efémera e, a similitude de vestígios nas várias sondagens parece também, sugerir uma ocupação que se estenderia

a toda a plataforma, com mais de dois hectares de área plana, atrativa para uma ocupação por um grupo relativamente numeroso, possivelmente um acampamento (idem, ibidem). Oliveira e Filipe (2010), sugerem tratar-se, eventualmente, de um acampamento de cronologia islâmica, possivelmente de carácter militar, ainda que o estado actual dos conhecimentos para a região não permita comprová-lo. Concomitantemente, o conhecimento geral, sobre este tipo de acampamentos, em período islâmico, não é absolutamente conclusivo. O que se sabe, permite identificar acampamentos temporários e permanentes, de carácter militar, relacionados com o controle dos locais de passagem, normalmente nas periferias das zonas em fase de conquista (Zozaya, 2009:111). A Quinta dos Poços 4 e 5, poderá corresponder a um acampamento temporário, ainda que, como referido pelos autores dos trabalhos referidos, esta deva ser encarada apenas como uma hipótese de trabalho, no estado actual dos conhecimentos. Assim, a intervenção agora proposta, afigura-se como um instrumento para o conhecimento da ocupação humana do local e para o esclarecimento das suas características. No que diz respeito à Quinta da Eira da Loba 4, localizado na Quinta de S. Pedro (figuras 5 e 6), esta implanta-se sobre numa zona relativamente nivelada de um vasto planalto que se ergue na margem esquerda de uma ribeira, afluente do rio Arade, com foz em Ferragudo.



Figura 7-Ortofoto com localização da Quinta da Eira da Loba 4, segundo Olivera e Filipe, 2010a.

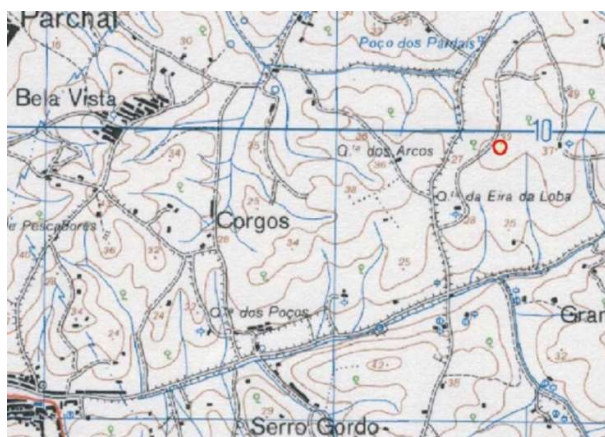


Figura 8- Localização da Quinta da Eira da Loba 4, no excerto da carta militar, folha 603, 1:25000, segundo

Assim como as Quinta do Poço 4 e 5, a Quinta da Eira da Loba foi inicialmente identificada através de trabalhos de prospeção (Antunes, 2008: 28; Oliveira, 2009: 22). Posteriormente, foi realizada uma sondagem de 4m², na zona de maior concentração de vestígios (Oliveira e Filipe, 2010a). Esta mancha de ocupação está igualmente implantada no topo de uma plataforma, perto do sítio de Pardais (Gomes et al., 1995). A maior concentração de vestígios (material de construção em barro e alguns fragmentos de cerâmica comum e cerâmica vidrada de tom acastanhado) corresponderia a uma área de cerca de 457 m² e caracteriza-se pela identificação de algumas cerâmicas e de alguns blocos pétreos que pareciam corresponder à existência de estruturas de alvenaria de pedra que estariam enterradas. Foi nesta área, identificada na prospeção anterior, que se implantou a sondagem, em 2010, confirmando que o terreno não teria sofrido, desde 2008, quaisquer alterações (Oliveira e Filipe, 2010a). Esta intervenção confirmou a existência do sítio, através de estruturas, visíveis logo à superfície. No entanto os dados obtidos não permitiram uma caracterização satisfatória do espaço construído, dado que não permitira uma interpretação fundamentada da sua função (idem, ibidem). A estratigrafia associada também não logrou alicerçar uma interpretação satisfatória da ocupação, tendo apenas dois depósitos e um pavimento empedrado, coevo com a utilização da estrutura (Oliveira e Filipe, 2010a). Simultaneamente não se recolheu, no depósito sob o muro e o pavimento, espólio que permita o enquadramento cronológico do sítio.

Do depósito superficial, foi possível recolher materiais de época contemporânea e outros, possivelmente de cronologia anterior, como alguns fragmentos de cerâmica vidrada, eventualmente de época moderna (Oliveira e Filipe, 2010a).

Os dados provenientes desta intervenção, tornaram evidente não se tratar de um grande aglomerado populacional, com a maior concentração dos vestígios numa área de cerca de 450 m², podendo tratar-se de um ou dois edifícios isolados, eventualmente relacionados com a exploração agrícola e sem cronologia definida de forma inequívoca (Oliveira e Filipe, 2010a).

4. TRABALHOS REALIZADOS

4.1 LEVANTAMENTO PATRIMONIAL

No presente trabalho foram identificados 12 elementos patrimoniais na área de implantação do projeto do presente estudo.

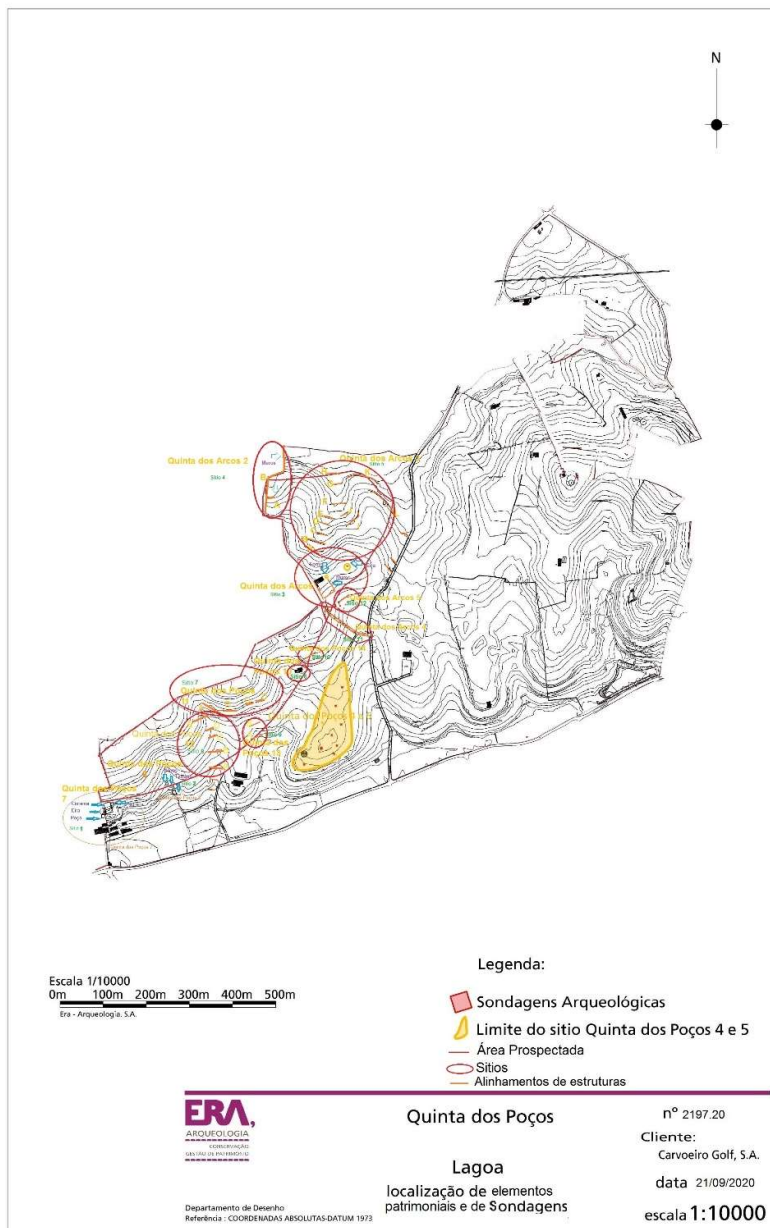


Figura 9- Mapa com localização de elementos patrimoniais

4.1.1 Quinta dos Poços 7 (sítio nº 1)

Apesar de se localizar fora da área a reestudar, é necessário fazer referência ao conjunto habitacional e de infraestruturas Quinta dos Poços 7, visto que a ocupação deste espaço acaba igualmente por influenciar a dinâmica de ocupação e circulação nas áreas circundantes

O principal conjunto edificado da Quinta dos Poços, localizado na extremidade SE da área em estudo, é constituído por uma residência de dois andares, dos proprietários, por casas térreas dos trabalhadores e feitor (informação oral de um residente nesta quinta durante 43 anos), como também por estruturas de apoio agrícola (armazéns, currais, poço em cimento, cisternas e eira).



Figura 10- Vista geral da Eira a Norte do núcleo habitacional



Figura 11- Vista de pormenor de cisterna



Figura 12 Vista geral de conjunto de muros que delimitam área da cisterna

A casa principal apresenta um aparelho construtivo formado por alvenaria de calcário ligada com um sedimento areno-argiloso, castanho-avermelhado, rebocado com argamassa e de superfícies caiadas. Nas restantes construções, embora apresentem pontualmente o mesmo tipo de aparelho construtivo, nota-se um uso mais regular de uma solução em taipa. Registou-se também o uso de tijolos de adobe em paredes interiores das habitações dos trabalhadores.



Figura 13- Vista geral da residência principal da Quinta dos Poços 7

No terreno limítrofe às construções observaram-se vários patamares escavados na encosta, cuja pedra e terra foram utilizadas como material de construção deste conjunto, sendo de referir uma vasta área escavada junto à cisterna, com cerca de 21 m².



Figura 14-Vista geral de pedreira a Norte da residência da Quinta dos Poços 7

Quanto à área agora estudada, correspondente à encosta situada a Norte deste núcleo habitacional, de estruturas de apoio a este e de cariz agrícola, a mesma encontra-se pautada por uma contínua dispersão de material cerâmico, rolado, presente pontualmente (faiança, cerâmica vidrada e cerâmica comum, com uma cronologia moderna/contemporânea), fruto da própria atividade da Quinta, estendendo-se à sua área circundantes.



Figura 15- Material presente ao longo da encosta a Norte da Quinta dos Poços 7



Figura 16- Localização de conjunto de estruturas a Norte da Quinta dos Poços 7 (Google Earth)

4.1.2 Quinta dos Poços 8 (sítio 2)

Conjunto formado por duas noras, encontrando-se uma delas inacabada (situada a cerca de 20 m a N/NO da nora principal, numa área densamente coberta de arbustos e zambujeiros) e um tanque e sistema de irrigação (levadas) na parte S do terreno da Quinta dos Poços. A nora principal tem um diâmetro aproximado de 14 m, delimitada a Sul por um murete de plano sub-circular, estruturado em pedra seca, enquanto o tanque, de planta retangular, tem cerca de 12 m de comprimento, por 7 m de largura.



Figura 17- Vista geral do tanque e da nora situada mais a Sul



Figura 18- Murete de contenção de terras da Nora a Sul



Figura 19- Vista geral de Nora a Norte Coberta por densa vegetação

A área correspondente à encosta situada a Norte deste conjunto de estruturas (Tanque e duas Noras), encontra-se pautada por uma contínua dispersão de material cerâmico presente pontualmente (faiança, cerâmica vidrada e cerâmica comum, com uma cronologia moderna/contemporânea), até à área a Norte do núcleo habitacional da Quinta dos Poços, fruto da própria atividade da Quinta, estendendo-se à sua área circundante.



Figura 20- Material presente na encosta a Norte das Noras da Quinta dos Poços 8 (Sítio 2)



Figura 21- Localização das noras e tanque da Quinta dos Poços 8 (Google Earth)

4.1.3 Quinta dos Arcos (sítio 3)

Conjunto edificado principal da Quinta dos Arcos, constituído por habitação, armazém, curral e pocilgo. O conjunto mais antigo, localizado a Oriente, é composto por um embasamento em alvenaria de pedra

calcária. A parede que assenta neste alicerce é constituída por taipa e apresenta a sua superfície rebocada com argamassa de cal e areia, caiada. O anexo a Ocidente (armazém e curral) parece corresponder a uma fase mais recente, uma vez que as suas paredes apresentam um aparelho de tijolo, ligado e rebocado por cimento e areia. A 6m a NE do edifício observou-se uma pequena estrutura circular, de um possível forno ou fornalha. A cerca de 55m a NE da habitação observou-se uma eira com 14mt de diâmetro (112 m²) com o centro em argamassa (cal e areia) e o perímetro delimitado por pedras calcárias dispostas em cunha. A área Sul da propriedade é delimitada por um muro em "L", com embasamento composto por alvenaria de calcário ligada com sedimento areno-argiloso, castanho, sendo o topo construído em taipa, com reboco em argamassa de cal e areia.

A encosta situada a Norte deste núcleo habitacional, encontra-se pautada por uma contínua dispersão de material cerâmico, rolado, presente pontualmente (faiança, cerâmica vidrada e cerâmica comum, com uma cronologia moderna/contemporânea), fruto da própria atividade da Quinta estendendo-se à sua área circundantes.

Este elemento patrimonial foi referido anteriormente na bibliografia como Monte da Quinta dos Arcos (Oliveira, 2010: 32-33 e 36-37).



Figura 22- Localização da Quinta dos Arcos, do forno e da eira.



Figura 23- Vista geral da Quinta dos Arcos e dos seus muros de divisão de propriedade.



Figura 24-Vista geral de possível estrutura de combustão a Este da Quinta dos Arcos



Figura 25-Vista geral de Eira da Quinta dos Arcos.



Figura 26- Material presente na encosta a Norte da Quinta dos Arcos (Sitio 3)

4.1.4 Quinta dos Arcos 2 (sítio 4)

Situados na área a Norte (Noroeste) da Quinta dos Arcos, a Este do estádio municipal da Bela Vista, verificou-se a presença de um conjunto 3 muros de divisão de propriedade e um muro de contenção de terras, formados por alvenaria em pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas.



Figura 27- localização de muros de divisão de propriedade e de contenção de terras na área Oeste da Quinta dos Arcos 2 (sítio 4)



Figura 28- Muro de contenção de terras na área Oeste da Quinta dos Arcos 2 (sitio 4)



Figura 29- Muro de divisão de propriedade na área Oeste da Quinta dos Arcos 2 (sitio 4)

4.1.5 Quinta dos Arcos 3 (Sítio 5)

Situados na área a Norte da Quinta dos Arcos, verificou-se a presença de um conjunto de 12 muros de contenção de terras, formados por alvenaria em pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas. Dez destas estruturas, localizadas ao longo da vertente descendente do vale, situado entre as duas colinas a norte da Quinta dos Arcos, encontraram-se já muito destruídas e densamente cobertas por árvores assim como por vegetação rasteira, verifica-se, porém, que o remanescente destas estruturas forma um conjunto de socalcos, para um provável uso agrícola dos solos. A base Noroeste da colina a Este, encontra-se delimitada igualmente por dois muros de construção semelhante aos anteriormente referidos, com a mesma funcionalidade, mas melhor conservados e possuindo uma maior extensão.



Figura 30- Localização dos muros de contenção de terra a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 31- Vista geral de muro de contenção de terras no topo da colina a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 32- Vista geral de muro de contenção na base do vale a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 33- Plano de muro de contenção situado a meio do vale a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 34- Vista geral de muro de contenção de terra a delimitar a base Nordeste da colina a Nordeste da Quinta dos Arcos 3

4.1.6 Quinta dos Poços 10 (sítio 6)

Casal constituído por habitação, armazém, pocilgos e galinheiros. Observou-se um aparelho construtivo feito a partir de alvenaria de pedra de calcário, rebocada com argamassa de cal e areia. A base do patamar, situada a Sudoeste, junto à entrada da habitação, encontra-se escavada no geológico, para possivelmente ali guardar animais. A Noroeste, verifica-se o que resta de dois muros em pedra seca, totalmente destruídos, que delimitavam o caminho de terra batida que dá acesso a esta habitação.



Figura 35- Localização de casal da Quinta dos Poços 10



Figura 36- Vista geral da entrada do casal Quinta dos Poços 10



Figura 37- Vista geral de pocilgos e galinheiros na Quinta dos Poços 10



Figura 38- Caminho de terra batida a Noroeste do casal Quinta dos Poços 10

4.1.7 Quinta dos Poços 11 (sítio 7)

A Norte do portão de acesso à Quinta dos poços, identificou-se um conjunto de 4 muros de contenção de terra, situados no topo Norte da encosta virada a Sul. Estas estruturas são formadas por uma alvenaria em pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas. Estas estruturas formam um conjunto de socalcos, possivelmente para adaptar o local a práticas agrícolas. Apesar de se encontrarem medianamente conservadas, estas estruturas encontram-se cobertas por árvores assim como por vegetação rasteira. É de referir a presença pontual e dispersa de alguns fragmentos de faiança com decoração impressa, cerâmica vidrada e comum, com uma cronologia moderna/contemporânea, situadas a Norte e a Sul das estruturas.

É igualmente de referir que na encosta Norte e a Sul dos muros, verifica-se uma dispersão contínua de material cerâmico, rolado, presente pontualmente (faiança, cerâmica vidrada e cerâmica comum, com uma cronologia moderna/contemporânea), fruto da própria atividade da Quinta, estendendo-se à sua área circundante.



Figura 39- Localização de muros de contenção de terra na Quinta dos Poços 11



Figura 40- Alçado Sul de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 11



Figura 41- Vista geral de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 11



Figura 42-Vista de pormenor de faiança com decoração impressa, junto a muro de contenção na Quinta dos Poços 11

4.1.8 Quinta dos Poços 12 (sítio 8)

Situados na área a Norte da entrada da Quinta dos Poços, verificou-se a presença de um conjunto de 5 muros de contenção de terras, formados por alvenaria em pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas. Os elementos de menor dimensão encontram-se no miolo do aparelho, enquanto os de maior dimensão encontram-se a estruturar o exterior. Estas estruturas, localizadas ao longo da vertente descendente do vale virado a Sul, situado entre as duas colinas a norte da entrada da Quinta dos Poços, apesar de se encontrarem já muito destruídas e densamente cobertas por árvores assim como por vegetação rasteira, verifica-se que o remanescente destas estruturas formam um conjunto de socalcos.

A encosta Norte e a Sul dos muros, há uma contínua dispersão de material cerâmico, rolado, presente pontualmente (faiança, cerâmica vidrada e cerâmica comum, com uma cronologia moderna/contemporânea), fruto da própria atividade da Quinta estendendo-se à sua área circundantes.



Figura 43- Localização de muros de contenção de terra na Quinta dos Poços 12



Figura 44- Vista geral do plano de um muro de contenção de terra a Norte da entrada da Quinta dos Poços



Figura 45- Alçado Sul de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 12



Figura 46- Vista geral de muro de contenção coberto por vegetação, na Quinta dos Poços 12



Figura 47- Vista de plano de muros de contenção de terras na Quinta dos Poços 12



Figura 48- Vista de conjunto de cerâmicas presentes ao longo da encosta na Quinta dos Poços 12

4.1.9 Quinta dos Poços 13 (sítio 9)

Localizados a Norte de um estradão de terra batida, que liga a entrada da Quinta dos Poços ao casal a Noroeste, a Quinta dos Poços 10, identificou-se o que resta de dois muros de contenção de terras, já muito destruídos, construídos em alvenaria de pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas. Os elementos de menor dimensão encontram-se no miolo do aparelho, enquanto os de maior dimensão se encontram a estruturar o exterior da estrutura. Apesar de se encontrarem já muito destruídas e densamente cobertas por árvores assim como por vegetação rasteira, os que resta destas estruturas delimita a área Norte do caminho e formam um conjunto de socalcos.



Figura 49- Localização de muros de contenção de terra na Quinta dos Poços 13



Figura 50-Alçado Sul de muro de contenção de terras junto ao caminho, Quinta dos Poços 13



Figura 51- Vista geral da localização de muros de contenção de terras junto ao caminho, Quinta dos Poços 13



Figura 52- Vista geral do remanescente de muro de contenção de terras, na Quinta dos Poços 13

4.1.10 Quinta dos Poços 14 (sítio 10)

Localizado a Este do casal Quinta dos Poços 10, identificaram-se os restos de um muro de contenção de terras, já muito destruído, construído em alvenaria de pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub- alongados, dispostos em duas fiadas. Os elementos de menor dimensão encontram-se no miolo do aparelho, enquanto os de maior dimensão encontram-se a estruturar o exterior da estrutura. Apesar de se encontrar já muito destruído e densamente coberto por árvores assim e vegetação rasteira, o remanescente desta estrutura forma um socalco à semelhança do verificado na encosta mais a Oeste (Quinta dos Poços 11, 12 e 13).



Figura 53-Localização de muro de contenção de terra na Quinta dos Poços 14

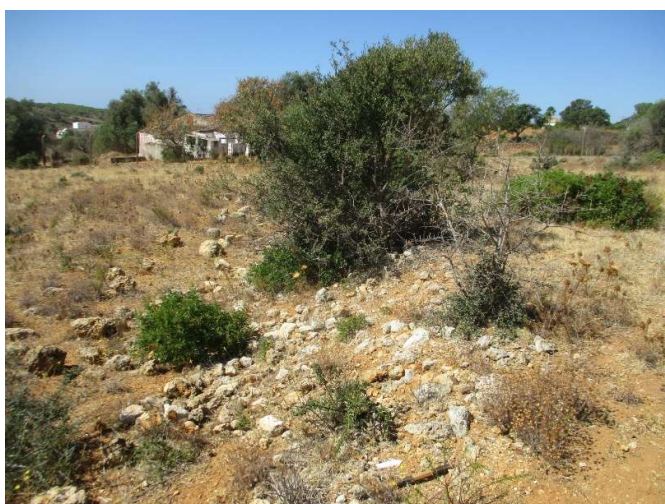


Figura 54- Vista geral do plano do muro de contenção de terra na Quinta dos Poços 14.



Figura 55- Vista geral do alçado Sul do muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 14

4.1.11 Quinta dos Arcos 4 (sítio 11)

Este elemento patrimonial trata-se de uma azinhaga, que separa a Quinta dos Poços da Quinta dos Arcos e que liga ainda a Quinta dos Arcos à rua que faz a ligação entre a Rua do Vale do Regato e o sítio dos Pardais. Os muros que delimitam o caminho encontram-se arruinados em muito dos seus segmentos, apresentando um embasamento em alvenaria de pedra de calcário, sendo o restante constituído por taipa com algumas superfícies ainda rebocadas com cal e areia.



Figura 56- Localização dos muros que delimitam azinhaga, Quinta dos Arcos 4



Figura 57- Vista geral do limite sul da Azinhaga que faz a ligação à Quinta dos Arcos (Quinta dos Arcos 4)



Figura 58- Alçado Oeste de muro Este da azinhaga na Quinta dos Arcos 4



Figura 59- Vista geral de muro Oeste da azinhaga na Quinta dos Arcos 4

4.1.12 Quinta dos Arcos 5 (sítio 12)

Localizado a Sul dos muros de delimitação de propriedade da Quinta dos Arcos, identificou-se o remanescente de um muro de contenção de terras, já muito destruído, construído em alvenaria de pedra seca de calcário, aparelhada, composta por blocos de pequena e média dimensão, sub-alongados, dispostos em duas fiadas. Os elementos de menor dimensão encontram-se no miolo do aparelho, enquanto os de maior dimensão encontram-se a estruturar o exterior da estrutura. Apesar de se encontrar já muito destruído e densamente coberto por árvores e vegetação rasteira, o remanescente desta estrutura forma um socalco à semelhança do verificado na encosta mais a Oeste (Quinta dos Poços 11, 12 e 13) e a Norte (Quinta dos Arcos 3)



Figura 60- Localização do muro de contenção, Quinta dos Arcos 5



Figura 61- Vista geral do muro de contenção de terras, Quinta dos Arcos 5



Figura 62- Vista geral do topo do muro de contenção de terras, Quinta dos Arcos 5

5. AVALIAÇÃO DE IMPACTE E PROPOSTA DE MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO

Em onze das dez referências patrimoniais do presente trabalho está prevista a afetação parcial ou total, através de trabalhos de escavação ou aterro. Este conjunto caracteriza-se por ser composto somente por elementos etnográficos.

Nº	Descrição	Valor Patrimonial	Classe de Valor Patrimonial	Área Sujeita a Impacto	Grau de Impacto	Avaliação do Impacte	Valor de Impacte Patrimonial	Classe de Medidas de Minimização
	Grau de Ponderação			2	4			
1	Quinta dos Poços 7	8,50	5	1	2	5,00	43	C
2	Quinta dos Poços 8	4,70	3	2	2	6,00	28	C
3	Quinta dos Arcos	3,89	2	3	3	9,00	35	C
4	Quinta dos Arcos 2	2,70	2	3	3	9,00	24	C
5	Quinta dos Arcos 3	2,70	2	3	3	9,00	24	C
6	Quinta dos Poços 10	3,80	2	3	3	9,00	34	C
7	Quinta dos Poços 11	2,70	2	3	3	9,00	24	C
8	Quinta dos Poços 12	2,70	2	3	3	9,00	24	C
9	Quinta dos Poços 13	2,70	2	3	3	9,00	24	C
10	Quinta dos Poços 14	2,70	2	3	3	9,00	24	C
11	Quinta dos Arcos 4	3,90	2	2	3	8,00	31	C
12	Quinta dos Arcos 5	2,70	2	3	3	9,00	24	C

Figura 63- Quadro de resumo da avaliação de impactes

Face ao exposto, e considerando os resultados decorrentes da avaliação de impactes, apresenta-se infra um quadro síntese das medidas específicas a adotar em cada local sujeito a afetação direta, de acordo com o respetivo grau de afetação.

Nº Sítio	Impacte	Medidas de Minimização de Impacte				
		Lev. Top	R. gráf.	R. fotogr.	Sinaliz.	Acomp
1	?	X	X	X	X	X
2	Escavação	X	X	X		X
3	Escavação	X	X	X		X
4	Escavação	X	X	X		X
5	Escavação	X	X	X		X
6	Escavação	X	X	X		X
7	Escavação	X	X	X		X
8	Escavação	X	X	X		X
9	Escavação	X	X	X		X
10	Escavação	X	X	X		X
11	Escavação	X	X	X		X
12	Escavação	X	X	X		X

Figura 64- Quadro resumo de medidas de minimização propostas

No que concerne ao sítio 1 (Quinta dos Poços 7), ainda que o mesmo se encontre no limite da área de incidência direta no projeto, encontrando-se fora da área a intervir. Propõem-se por essa razão,

a sua sinalização no decurso da empreitada, adaptando as medidas caso o projeto tenha futuramente, de vir a adaptar esta área.

Como medida de minimização de impacto genérica, propõem-se a realização de trabalhos de acompanhamento arqueológico durante as ações de escavação, terraplanagem ou qualquer outra movimentação de terra.

Tendo em conta ainda a presença constante de uma densa vegetação rasteira assim como a presença de matos e árvores sobre as estruturas, ao longo da área estudada, sugere-se ainda o acompanhamento dos trabalhos de desmatagem, sendo realizadas observações à superfície do terreno para aferir a presença da eventual existência de bens patrimoniais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório surge na sequência dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito do estudo de impacte ambiental realizados na Quinta dos Poços em Lagoa, e na sequência do Estudo de impacte Ambiental do Campo de Golf D. Pedro, realizado em 2016.

Os trabalhos desenvolvidos consistiram na realização de prospeção arqueológica na área do futuro empreendimento da subunidade operativa de planeamento e gestão SP9b, tendo durante os mesmos, sido identificadas 12 ocorrências de cariz etnográfico.

Quanto ao sitio nº1 (Quinta dos Poços 7), visto que se localiza no limite da área de incidência direta no projeto, encontrando-se fora da área a intervir, a medida de minimização a aplicar será um aviso endereçado aos responsáveis, da existência desta ocorrência localizada na área Sudoeste do traçado do projeto, sendo adaptadas as medidas de minimização caso esta área atenha de vir a ser intervir.

Quanto às restantes ocorrências (sítio 2 a 12), propõem-se o levantamento topográfico, o registo gráfico e fotográfico dos elementos etnográficos que foram referenciados no âmbito deste trabalho e que se encontram na área de incidência direta do projeto.

Por fim e como medida de minimização genérica, propõem-se a realização de acompanhamento arqueológico permanente de todas as ações que impliquem afectação do subsolo (desmatações, escavações, terraplanagens) e demolição de estruturas pré-existentes.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 BIBLIOGRAFIA GERAL

ANTUNES, S (2008) – Levantamento Patrimonial da Quinta dos Poços, Quinta de S. Pedro de Gramacho. Lagoa. Relatório de Trabalhos Arqueológicos, Era. Arqueologia S.A., exemplar policopiado.

HARRIS, E. C (1991) - Principios de Estratigrafia Arqueológica. Barcelona, Editorial Critica.

OLIVEIRA, C. (2010) – Revisão do Plano de Urbanização da U.P. 1 – Ferragudo, Corgos, Bela Vista, Parchal, Mexilhoeira da Carregaçã, Pateiro e Calvário (Concelho de Lagoa, distrito de Faro. Levantamento Arqueológico e Patrimonial.

OLIVEIRA, C. e FILIPE, I. (2010) - Sondagens Arqueológicas no sítio da Quinta dos Poços 4 e 5 (Quinta de S. Pedro, Lagoa). Relatório de Trabalhos Arqueológicos. Era Arqueologia, S.A.

OLIVEIRA, C. e FILIPE, I. (2010a) - Sondagem Arqueológica no sítio da Quinta da Eira da Loba 4 (Quinta de S. Pedro, Lagoa). Relatório de Trabalhos Arqueológicos. Era Arqueologia, S.A..

ZOZAYA, J (2009): Arquitectura militar en al-Andaluz. Xelb 9, Actas do 6º encontro de Arqueologia do Algarve, Silves.

7.2 CARTOGRAFIA

Carta Geológica de Portugal, folha 52-B, Escala 1/ 50 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.

Carta Militar de Portugal, folha 603 Escala 1/25 000, Serviço Cartográfico do Exército.

7.3 PÁGINAS DE INTERNET

Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: <http://geo.patrimoniocultural.pt/>

8. FICHA TÉCNICA

Direcção da Área de Projecto
Miguel Lago da Silva

Coordenação do projecto
Rita Dias

Responsável Executivo
Hugo Silva
Patricia Monteiro
Rita Dias

Equipa Técnica
Arqueólogos
Hugo Silva
Francisco Correia

Responsável Desenho
José Pedro

Patricia Alexandra Diogo Monteiro

(Patricia Monteiro)



(Hugo Silva)

ANEXO 1 – FICHAS DE REGISTO

ANEXO 2 – REGISTO FOTOGRÁFICO



Figura 10- Vista geral da Eira a Norte do núcleo habitacional



Figura 11- Vista de pormenor de cisterna



Figura 12 Vista geral de conjunto de muros que delimitam área da cisterna



Figura 13- Vista geral da residência principal da Quinta dos Poços 7



Figura 14-Vista geral de pedreira a Norte da residência da Quinta dos Poços 7



Figura 15- Material presente ao longo da encosta a Norte da Quinta dos Poços 7



Figura 17- Vista geral do tanque e da nora situada mais a Sul



Figura 18- Murete de contenção de terras da Nora a Sul



Figura 19- Vista geral de Nora a Norte Coberta por densa vegetação



Figura 20- Material presente na encosta a Norte das Noras da Quinta dos Poços 8 (Sitio 2)



Figura 65- Vista geral da Quinta dos Arcos e dos seus muros de divisão de propriedade



Fi gura 66-Vista geral de possível estrutura de combustão a Este da Quinta dos Arcos



Figura 25-Vista geral de Eira da Quinta dos Arcos.



Figura 26- Material presente na encosta a Norte da Quinta dos Arcos (Sitio 3)



Figura 28- Muro de contenção de terras na área Oeste da Quinta dos Arcos 2 (sitio 4)



Figura 29-Muro de divisão de propriedade na área Oeste da Quinta dos Arcos 2 (sitio 4)



Figura 31- Vista geral de muro de contenção de terras no topo da colina a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 32- Vista geral de muro de contenção na base do vale a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 33- Plano de muro de contenção situado a meio do vale a Norte da Quinta dos Arcos 3



Figura 34- Vista geral de muro de contenção de terra a delimitar a base Nordeste da colina a Nordeste da Quinta dos Arcos 3



Figura 36- Vista geral da entrada do casal Quinta dos Poços 10



Figura 37- Vista geral de pocilgos e galinheiros na Quinta dos Poços 10



Figura 38- Caminho de terra batida a Noroeste do casal Quinta dos Poços 10



Figura 40- Alçado Sul de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 11



Figura 41- Vista geral de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 11



Figura 42-Vista de pormenor de faiança com decoração impressa, junto a muro de contenção na Quinta dos Poços 11



Figura 44- Vista geral do plano de um muro de contenção de terra a Norte da entrada da Quinta dos Poços



Figura 45- Alçado Sul de muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 12



Figura 46- Vista geral de muro de contenção coberto por vegetação, na Quinta dos Poços 12



Figura 47- Vista de plano de muros de contenção de terras na Quinta dos Poços 12

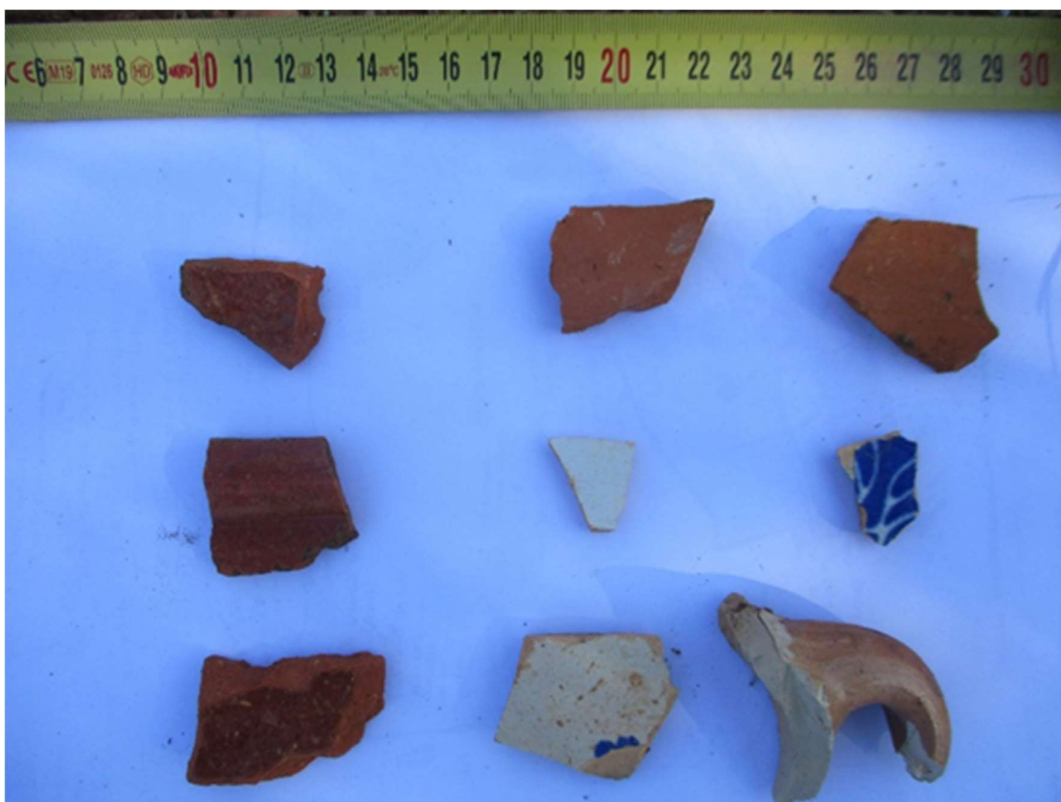


Figura 48- Vista de conjunto de cerâmicas presentes ao longo da encosta na Quinta dos Poços 12



Figura 50-Alçado Sul de muro de contenção de terras junto ao caminho, Quinta dos Poços 13



Figura 51- Vista geral da localização de muros de contenção de terras junto ao caminho, Quinta dos Poços 13



Figura 52- Vista geral do remanescente de muro de contenção de terras, na Quinta dos Poços 13



Figura 54- Vista geral do plano do muro de contenção de terra na Quinta dos Poços 14



Figura 55- Vista geral do alçado Sul do muro de contenção de terras na Quinta dos Poços 14



Figura 57- Vista geral do limite sul da Azinhaga que faz a ligação à Quinta dos Arcos (Quinta dos Arcos 4)



Figura 58- Alçado Oeste de muro Este da azinhaga na Quinta dos Arcos 4



Figura 59- Vista geral de muro Oeste da azinhaga na Quinta dos Arcos 4



Figura 61- Vista geral do muro de contenção de terras, Quinta dos Arcos 5



Figura 62- Vista geral do topo do muro de contenção de terras, Quinta dos Arcos 5